

O ERRO COMO PRINCÍPIO DO ACERTO: A IMPORTÂNCIA DA CORREÇÃO NO DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS ALUNOS DO COLÉGIO LOGOSÓFICO GONZÁLEZ PECOTCHE - UNIDADE FUNCIONÁRIOS, EM BELO HORIZONTE/MG

Stela Rocha Martins¹

Gustavo de Oliveira Andrade²

RESUMO: A correção e a avaliação da aprendizagem são ferramentas importantes no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento integral dos educandos. O princípio da Pedagogia Logosófica denominado “o erro como princípio do acerto” visa a correção dos erros dos alunos a partir do despertar de suas consciências, proporcionando uma correção para a vida. O objetivo da pesquisa é elucidar a importância da correção no desenvolvimento integral dos alunos do Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários, em Belo Horizonte/MG. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica, a partir da análise do Projeto Político Pedagógico do colégio e sua relação com o princípio “o erro como princípio do acerto”, e análise da experiência contida na Revista Logosofia. Constatou-se que o Projeto Político Pedagógico do colégio é coerente com o princípio “o erro como princípio do acerto”, sendo a prática docente pautada no afeto, no respeito e em valores que se aplicam à vida dos educandos. Os resultados demonstram que a aplicação do princípio da Pedagogia Logosófica é relevante para o alcance de uma educação emancipadora e transformadora, orientada pelo afeto, pelo conhecimento de si mesmo e pelo pensamento crítico e reflexivo.

Palavras-chave: Pedagogia Logosófica. Correção. Avaliação da Aprendizagem. O erro como princípio do acerto.

1. Introdução

Atualmente, existem muitas pesquisas e reflexões acerca de metodologias de ensino, dos formatos das aulas com implementação da interdisciplinaridade, do papel do educador enquanto mediador do conhecimento e da relevância da promoção de um ensino que garanta o desenvolvimento integral da criança. Entretanto, o que se observa na realidade de grande parte

¹ Graduanda/o do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: stela.rocha@yahoo.com

² Mestre em Ensino de Ciências pela UNIGRANRIO. Especialista em Informática na Educação pelo IFES e graduado em Computação pela UFJF. Atualmente é professor no IFRJ e orientador de TCC na UFLA. E-mail: gustavo.andrade@ifrj.edu.br

das instituições é a reprodução do modelo tradicional de educação, no qual, principalmente a correção e a avaliação do aluno são utilizadas como ferramentas de reprovação, de imposição da disciplina através do temor, para reforçar o poder do professor sobre o aluno, rotulando e limitando seres que possuem todas as condições de aperfeiçoamento. Logo, a avaliação e a correção, na prática, se distanciam de sua verdadeira finalidade, qual seja, permitir que o docente identifique as dificuldades e limitações do aluno a respeito de determinado conteúdo e/ou conduta e o auxilie na superação do erro de forma consciente, permitindo que a criança, através da explicação e, conseqüentemente, do despertar das faculdades mentais (pensar, refletir, entender, imaginar, observar, etc.), compreenda a origem das suas dificuldades e de seus erros e encontre maneiras de alcançar o acerto a partir de sua própria experiência.

A Pedagogia Logosófica, também conhecida como Pedagogia do Afeto, criada pelo humanista e pensador argentino Carlos Bernardo González Pecotche, possui como um de seus princípios o “erro como princípio do acerto”, que tem como propósito a educação por meio do afeto, do olhar compreensivo sobre o erro do outro e a colaboração e auxílio mútuos na superação de limitações. Segundo Pádua (2010), o temor paralisa o mecanismo mental e sensível da criança, causando danos psicológicos para toda a vida do ser. Portanto, os docentes dos colégios logosóficos adotam a postura de corrigir para a vida e não apenas de forma imediatista, afinal o ensino é extremamente focado no efetivo desenvolvimento do ser em todos os seus aspectos. Para tanto, é essencial que os educadores e funcionários dos Colégios Logosóficos experimentem os conceitos e conhecimentos dessa ciência em suas próprias vidas, uma vez que o exemplo é tido como a ferramenta mais eficaz no ensino.

Portanto, para promover uma educação de qualidade, assim como preconiza a Constituição Federal de 1988 e reafirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/1996, que vise o desenvolvimento integral do aluno, é fundamental que o erro deixe de ser um mero classificador de alunos – divisão entre bons e ruins; capazes e incapazes - e comece a ser percebido como um importante aliado na aprendizagem, como um princípio do acerto. Desta forma, a correção não se torna fonte de temor, insegurança, ressentimento, dissimulação e mentira. Adotando medidas adequadas na correção e avaliação dos alunos, é possível criar um ambiente de afeto e respeito que seja favorável à aprendizagem. Afinal, quando a criança começa a perceber o erro como uma oportunidade de acerto, através de um ambiente favorável às manifestações positivas, desperta no interno a vontade, elemento essencial para enfrentar tanto as limitações psíquicas, sensíveis e sociais, quanto as dificuldades na assimilação dos conteúdos disciplinares, realizando, dessa forma, um processo de aperfeiçoamento gradual e consciente. Nesse sentido, Pádua (2010) afirma que a vontade é

imprescindível no processo de aprendizagem, por ser uma força psicológica que move as energias do ser para querer ser melhor, para cultivar valores, querer fazer o bem, tomar iniciativas.

Considerando a relevância da correção no processo de ensino-aprendizagem, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: Como a aplicação do princípio da Pedagogia Logosófica “o erro como princípio do acerto” pode possibilitar uma efetiva correção, que vise o desenvolvimento integral da criança?

Logo, este trabalho apresenta como objetivo geral a elucidação da importância da correção no desenvolvimento integral dos alunos do Colégio Logosófico González Pecotche - Unidade Funcionários, em Belo Horizonte/MG. Visa, ainda, abordar sobre a Pedagogia Logosófica, o método logosófico e seus conceitos e o preceito denominado “o erro como princípio do acerto”; conceituar a avaliação e suas dimensões; e analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários, com ênfase na aplicação do princípio logosófico ora citado, correlacionando-o com a experiência contida na Revista Logosofia que trata sobre a Pedagogia Logosófica.

2. A Pedagogia Logosófica e a Avaliação da Aprendizagem

2.1. A Pedagogia Logosófica

A Pedagogia Logosófica tem sua origem na Logosofia, ciência criada pelo pensador e humanista argentino Carlos Bernardo González Pecotche, que preconiza a superação humana a partir da realização do processo de evolução consciente. Para tanto, é essencial compreender e aplicar os seus conceitos na própria vida. Logo, a Pedagogia Logosófica, também conhecida como Pedagogia do Afeto, apresenta conceitos originais em sua concepção e visa a formação de seres humanos mais conscientes e aptos a tomarem suas decisões em prol de um destino mais feliz.

De acordo com Pádua (2010),

o processo de aprendizagem na Pedagogia Logosófica contempla a realidade integral do educando e busca o equilíbrio entre o desenvolvimento da inteligência, ao estimular as suas faculdades mentais, e da sensibilidade, no que se refere ao cultivo dos sentimentos. Favorece a um só tempo a participação ativa da natureza moral e espiritual do educando que é estimulado a conhecer sua realidade interna e atuar sobre ela ao adquirir conhecimentos que lhe possibilitem agir com mais consciência sobre si mesmo e sobre o semelhante na busca de um sentido mais elevado para sua vida. Dois grandes recursos fazem parte de toda esta ação educativa: o

conhecimento e o afeto, pois os dois são poderosos aliados para a conquista de seus objetivos tão altruístas (PÁDUA, 2010, p. 19-20).

Importante destacar que a Pedagogia Logosófica busca atuar com os dois elementos que considera essenciais para a efetiva aprendizagem do aluno, quais sejam: o conhecimento e o afeto. Dessa forma, compreende que não se deve suprimir a capacitação pedagógica em prol da afetividade docente, equívoco esse causado pela aplicação superficial de conceitos da psicologia nas atividades docentes, permanecendo em segundo plano a intencionalidade pedagógica e os conhecimentos adquiridos na formação docente. Nesse sentido, Carvalho (2014) afirma que

é evidente a importância das questões relacionais no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem; porém, muitas vezes, com base em leituras superficiais dos estudos decorrentes da psicologia, as acadêmicas acabam esquecendo a intencionalidade pedagógica de suas práticas. Por essa razão, é importante que o afeto seja pensado no contexto do trabalho pedagógico, articulado com as relações de cuidado, educação e ludicidade que são estabelecidas com as crianças no espaço institucional (CARVALHO, 2014, p. 239).

Um dos aspectos que devem ser considerados no processo de ensino-aprendizagem, aliado com a prática da Pedagogia do Afeto, é o método utilizado para avaliar a aprendizagem dos alunos e também para corrigir a conduta adotada pelas crianças frente ao erro. É fundamental que o educador pense criticamente sobre a própria prática, a finalidade das avaliações e a postura frente ao aluno, favorecendo a concretização de uma educação que vise o desenvolvimento integral da criança.

2.2. Plano Logosófico de Educação

Os Colégios Logosóficos, que atuam com base na Pedagogia Logosófica, cujas ações se sustentam em dois pilares: o ensino do conteúdo curricular (a formação escolar definida pela legislação de cada país ou cidade) e o trabalho pedagógico de formação do aluno para a vida, apoiado na concepção logosófica (SISTEMA LOGOSÓFICO DE EDUCAÇÃO, 2021), estão presentes no Brasil, Argentina e Uruguai, sendo que, no Brasil, existem unidades localizadas em Brasília, Chapecó, Belo Horizonte, Florianópolis, Goiânia, Rio de Janeiro e Uberlândia. Salienta-se que o presente estudo teve como base o Colégio Logosófico González Pecotche - Unidade Funcionários, localizado no município de Belo Horizonte/MG.

O Sistema Logosófico de Educação, com vistas a estabelecer as diretrizes de ensino nos Colégios Logosóficos, elaborou o Plano Logosófico de Educação, que vigora a nível nacional. Nesse plano, estão descritas as etapas do denominado Método Logosófico, quais

sejam: 1. Apresentação do conceito; 2. Observação consciente de si mesmas; 3. Experimentação; 4. Registro/Documentação; 5. Divulgação/Difusão (PLANO LOGOSÓFICO DE EDUCAÇÃO, 2019).

Ainda sobre o Método Logosófico, esse apresenta alguns aspectos essenciais de aplicação na ação educativa, os quais destacam-se: a realização, pelo educador, do processo de evolução consciente instituído pela Logosofia, possibilitando que o docente se transforme em exemplo do que ensina; a vinculação sensível entre docente e discente, pelo cultivo do afeto, princípio fixador das relações humanas; a formação de um ambiente onde se cultivam qualidades morais e éticas como respeito, alegria, disciplina, tolerância, ajuda sincera, liberdade e estímulo ao saber, ao anelo de ser melhor e à prática constante do bem; o oferecimento de estímulos naturais e positivos, indispensáveis à formação do caráter; a ação conjunta e integrada do lar e da escola, como instituições educacionais básicas (SISTEMA LOGOSÓFICO DE EDUCAÇÃO, 2021).

O Plano Logosófico de Educação (2019) apresenta como objetivo geral da Pedagogia Logosófica a contribuição para uma verdadeira e sólida evolução na infância e na juventude, possibilitando que crianças e adolescentes se transformem em homens. De acordo ainda com o documento, os objetivos específicos são: Oferecer uma ilustração clara e precisa sobre os conceitos logosóficos; contribuir para o conhecimento de si mesmo, favorecendo o desenvolvimento das faculdades mentais e sensíveis; contribuir para o conhecimento do mundo mental; imunizar contra os males que ameaçam a integridade física, moral e espiritual; promover a correção consciente dos erros; ensinar a fazer o bem; estimular o desenvolvimento das funções de estudar, aprender, ensinar, pensar e realizar.

Tendo em vista o tema do presente estudo, serão destacados do documento apenas os aspectos relacionados à correção. O objetivo específico a que se refere a promoção da correção consciente dos erros encontra-se embasado em um ensinamento de González Pecotche, autor da Logosofia, no qual o mesmo afirma que:

o simples fato de evitar o cometimento de uma falta constitui o primeiro passo para a remissão das culpas, porque não cometê-las é um princípio de redenção própria inquestionável. Repara-se o mal em si mesmo eliminando-o antes que se materialize, e se faz isto por um ato livre da vontade, sem necessidade de nenhuma intervenção alheia. Eis aí o belo; eis aí o grande e o sublime. Para que a própria redenção seja um fato, é essencial começar por não cometer mais faltas; não acumular mais culpas ou dívidas. Esse é o primeiro passo; mas surgirá a pergunta: que fazer com o já consumado? Cada falta tem seu volume e suas consequências inevitáveis. Não percamos tempo em lamentações, nem sejamos ingênuos, crendo que existem meios fáceis de saldá-las. As leis não são infringidas impunemente; nem cometendo faltas, nem pretendendo livrar-se delas. Porém, o homem pode,

sim, redimir gradualmente suas culpas, mediante o bem que representa para si a realização rigorosa de um processo que o aperfeiçoe. Se esse bem é estendido aos semelhantes – quantos mais, melhor –, ficará assegurada a descarga da dívida. Contudo, isso será sob condição de não incidir em novas faltas (PECOTCHE, 2013, p. 119).

A partir do fragmento extraído, pode-se observar que a Logosofia tem como um dos objetivos o propósito de conduzir o ser ao conhecimento de si mesmo, o que inclui as virtudes e os erros, e a reparar o que é nocivo para a vida, tornando-a mais feliz através da aplicação dos conhecimentos logosóficos. Destaca-se que a análise dos erros não deve promover a culpa, mas deve servir de estímulos para superação dos mesmos e para o aperfeiçoamento integral do ser. Para tanto, há que despertar, nos alunos, a vontade de superação, a atenção sobre as condutas para que não haja reincidência na falta, além da observação do que se passa no interno ao conseguir atuar de acordo com a própria vontade, com fins de realizar o bem para si mesmo e para o semelhante.

Nesse sentido, o Plano Logosófico de Educação (2019), no tópico que discorre sobre a 2ª etapa do Método Logosófico, denominada Observação consciente de si mesmas, afirma que

há que levar a criança, de forma gradual, sem violências mentais, a dirigir seu olhar para dentro, observando seus atos com as devidas consequências, diariamente, dedicando-se a este autoexame uma fração do tempo, do mesmo modo como se dedica um tempo para brincar ou estudar. Assim se desenvolve a noção de CAUSA E EFEITO, favorecendo a responsabilidade, o anelo de ser melhor e o cultivo da sinceridade e da veracidade (PLANO LOGOSÓFICO DE EDUCAÇÃO, 2019, p. 11-12).

Portanto, fica nítido o cuidado da Pedagogia Logosófica para que os alunos não sofram qualquer tipo de violência, inclusive mental, durante o seu processo de ensino-aprendizagem, sendo também um dos propósitos da Pedagogia Logosófica o aperfeiçoamento integral do ser humano, o que enseja a necessidade do autoconhecimento. Tal proposição corrobora com o disposto por Pádua, uma vez que a violência gera o temor que trava as faculdades mentais e sensíveis dos seres, obstando o processo de ensino-aprendizagem.

2.3. O princípio da Pedagogia Logosófica “o erro como princípio do acerto”

A Pedagogia Logosófica estabelece diversos princípios que norteiam a sua prática. Pádua (2010) afirma que o conhecimento desses princípios é essencial, pois possibilita a análise da prática docente pelo próprio educador e, conseqüentemente, a identificação dos elementos que necessitam ser aperfeiçoados em ambos os processos: docente e discente.

Dentre os princípios abordados pela Pedagogia Logosófica – a herança espiritual individual da criança e a formação do caráter; a mente da criança como terra virgem e fértil; o erro como princípio do acerto; e o princípio consciente – consideram-se relevantes o enfoque e o aprofundamento no preceito denominado “o erro como princípio do acerto”. Isto porque, este permeia questões como a avaliação da aprendizagem escolar, a correção do erro, o afeto no processo de ensino aprendizagem, a análise da prática docente pelo próprio educador e o desenvolvimento do aluno em todos os seus aspectos – físico, psicológico e espiritual.

Nesse sentido, um outro aspecto que merece destaque é o de que, para a prática da Pedagogia Logosófica, é imprescindível que o docente conheça e pratique os seus conceitos, afinal, essa ciência concebe que só é possível ensinar efetivamente a partir do exemplo. A atuação do docente inicia-se primeiro no próprio interno, através da inteligência, da sensibilidade e da consciência, que deve ser enriquecida, pois um dos objetivos desta Pedagogia é o de levar o ser a se conhecer melhor, porque só assim se poderá ajudar alguém (PÁDUA, 2010). Pecotche ensina que

educar para a vida é considerar, como um dos fins primordiais, o aperfeiçoamento de tudo quanto seja compreendido na existência do ser humano, promovendo a eliminação das deficiências pela correção consciente dos erros, e despertando nos seres o afã de superação por força da natural aspiração de servir à humanidade em posições que permitam um maior e melhor aproveitamento das energias internas, dedicadas a obras de bem e de profundo sentido humano e espiritual (PECOTCHE, 2002, p. 166).

Por fim, o preceito logosófico do erro como princípio do acerto preconiza que “a correção deve ter como fim o aprendizado, a criança deve ser consciente de suas faltas para poder corrigi-las. O erro deve ser o princípio do acerto, o docente deve considerar que não se deve corrigir para o momento e sim para a vida” (PÁDUA, 2010, p. 39).

2.4. A avaliação da aprendizagem

Para que o educar seja para a vida e não apenas para aquele determinado momento, é essencial que o ensino deixe de ser autoritário e adquira um caráter transformador. E isso abrange e impacta diretamente a avaliação educacional, uma vez que a prática avaliativa ainda adotada nas escolas brasileiras tem foco na disciplina, na verificação, na reprovação, na punição, na promoção, sendo mais bem definida, como aponta Luckesi (2013), como pedagogia do exame.

O erro passa então a ser percebido como uma punição, ficando em segundo plano o diagnóstico da aprendizagem, que objetiva buscar metodologias de ensino que a favoreça. Por

isso, é de suma importância que se modifique o olhar sobre a avaliação, percebendo-a como ferramenta essencial para a promoção da transformação social. Sobre a avaliação praticada atualmente, Luckesi afirma que

em função de estar no bojo de uma pedagogia que traduz as aspirações de uma sociedade delimitadamente conservadora, ela (a avaliação) exacerba a autoridade e oprime o educando, impedindo o seu crescimento. De instrumento dialético se transforma em instrumento disciplinador da história individual de crescimento de cada um. Da forma como vem sendo exercida, a avaliação educacional escolar serve de mecanismo mediador da reprodução e conservação da sociedade, no contexto das pedagogias domesticadoras; para tanto a avaliação necessita da autoridade exacerbada, ou seja, do autoritarismo (LUCKESI, 2013, p. 41).

É impossível promover uma educação voltada para a formação de seres autônomos, críticos, reflexivos, felizes, capazes de transformar a sociedade na qual estão inseridos, através de um ensino baseado no temor, na punição, na imposição de conhecimentos, no qual a finalidade da aprendizagem se torna a promoção, prejudicando o desenvolvimento, inclusive, das faculdades de entender, de pensar e de aprender das crianças. Dessa forma, o erro deixa de ser visto como uma possibilidade de um futuro acerto, como uma oportunidade de transformação e de aperfeiçoamento. Nesse sentido, Santos (2013) discorre sobre a crença que existe na educação de que o erro é ausência de aprendizagem e afirma que

se aprender é processo predominantemente produtivo, a experimentação ganha imensa importância nesse ato. O ato de experimentar engloba naturalmente o erro. Fala-se aqui do erro produtivo. Referimo-nos ao erro que possibilita aprendizagem. O erro que nos facilita achar o caminho do acerto. Logo, o erro pode também levar ao sucesso e ser produtivo. O erro é importante e parte integrante do processo de aprender e, de certa forma, é desejável para que o acerto seja construído. O acerto antecedido de erros se configura de maneira mais sedimentada e consistente. Erro e acerto são dimensões não excludentes do processo de aprender (SANTOS, 2013, p. 9).

A partir do momento em que o erro é, então, percebido como uma oportunidade de acerto, as crianças se sentem estimuladas a aprender, pois o fracasso não é visto como um rótulo de incapaz ou utilizado como uma ferramenta punitiva, mas sim parte natural do processo de aprendizagem. Nesse sentido, Pecotche (2015) afirma que cada fracasso deve ser tomado como um princípio de triunfo, sempre que dele extraia o elemento que lhe faltou para vencer.

De acordo com Santos,

aprender é ato que precisa ser motivado. A aprendizagem é tão mais significativa quanto maior motivo interno ela possui. O desafio é fazer nascer esse motivo dentro do aluno, e não criá-lo fora dele. Aprender para tirar boa nota é motivo que se extingue ao se obter a nota requisitada e, na maioria das vezes, termina também aí o sentido do que foi aprendido. O

professor conquista o real respeito dos alunos quando consegue levá-los a manter vivos os seus motivos para aprender (SANTOS, 2013, p. 12).

Dessa forma, encarando-se o erro como uma possibilidade de acerto, a avaliação deve cumprir com a função de investigar, de conhecer os resultados alcançados, as dificuldades, os recursos e condições de crescimento do conhecimento (JAMBERCI, 2009). Essa mesma autora ainda expõe sobre a necessidade de refletir a respeito do erro, se o mesmo deve ser tido como o ponto de partida (avaliação diagnóstica) ou de chegada (avaliação somativa). Luckesi (2013) aponta que

para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos (LUCKESI, 2013, p. 43).

Portanto, para que a avaliação promova a função de favorecer a aprendizagem, é essencial que o discente seja capaz de identificar o seu erro, compreendê-lo e a partir de então buscar o acerto com base no conhecimento e evitando sempre cometer o mesmo erro. Tal prática deve ser aplicada tanto para os conteúdos disciplinares quanto para os comportamentos que contrariam os valores que devem ser a base de uma humanidade mais justa e democrática.

3. Metodologia

Inicialmente, o presente trabalho seria desenvolvido através da metodologia de Relato de Experiência, tendo como base as experiências vividas no Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários, na disciplina de Estágio Supervisionado III, ofertada pela UFLA. Teria como objetivos verificar e analisar, qualitativamente, a aplicação do preceito da Pedagogia Logosófica, o erro como princípio do acerto, a partir da observação da prática docente e identificar os métodos utilizados pela instituição para correção do erro, seus benefícios e os possíveis gargalos existentes entre a teoria e a prática cotidiana.

Entretanto, considerando o atual momento de pandemia, a realização do estágio no Colégio Logosófico não foi possível, fato que ensejou na alteração da metodologia de pesquisa para Pesquisa Bibliográfica. De acordo com Fontenelle (2017), a Pesquisa Bibliográfica é a pesquisa de citações em livros, artigos e outros textos de caráter científico já publicados, onde o pesquisador busca desvendar as relações existentes entre conceitos, ideias e características de um objeto, comparando-os a partir de diversos ângulos diferentes e construindo interpretações e conclusões sobre um determinado problema.

A pesquisa bibliográfica consistiu em uma revisão qualitativa, cujo objeto de análise será o Projeto Político Pedagógico do Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários, com o intuito de identificar, no documento, os aspectos relacionados com a correção e a avaliação da aprendizagem e relacioná-los com o princípio da Pedagogia Logosófica “o erro como princípio do acerto”.

Desse modo, a metodologia escolhida possibilitou verificar as convergências observadas entre os preceitos da Pedagogia Logosófica relacionados ao erro, inclusive descritos no Plano Logosófico de Educação, e o disposto no Projeto Político Pedagógico da instituição González Pecotche.

Ademais, a fim de possibilitar uma comparação entre a teoria presente nos documentos ora citados e a prática docente no colégio, foi também analisada uma experiência vivida no Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários, denominada “A árvore que quebrou”, publicada na Revista Logosofia, na 25ª edição. Esse periódico trata sobre a Pedagogia Logosófica e apresenta diversas vivências de educadores das unidades dos Colégios Logosóficos brasileiros, relacionadas com os objetivos e princípios de tal pedagogia.

4. O Projeto Político Pedagógico do Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários

O Projeto Político Pedagógico do Colégio González Pecotche – Unidade Funcionários, denominado Proposta Pedagógica, objeto deste estudo, foi elaborado no ano de 2016, com vigência até o final do ano de 2019. Salienta-se que a versão revisada ainda não se encontra disponível, fato que justifica o uso do documento anterior nesta pesquisa.

De acordo com a Proposta Pedagógica (2016, p. 3), “o tempo de vigência previsto para esta proposta é de 4 anos (2016/2019). Durante este período, mediante constante avaliação dos resultados, serão feitos os reajustes necessários à sua atualização, detalhamento e melhor operacionalização do trabalho realizado”. Tal afirmativa demonstra que, apesar de ser um documento vigente por 4 anos, o mesmo passa por atualizações ao longo desse período, conforme as necessidades identificadas.

Tendo em vista que o processo de ensino aprendizagem no colégio é pautado na Pedagogia Logosófica, o Projeto Político Pedagógico apresenta os principais conceitos logosóficos que norteiam o ensino, tais como: Deus, ser humano, realidade psicoespiritual da criança e do adolescente, conhecimento, educação, processo de ensinar e aprender, ambiente, professor e afeto.

Outro aspecto que merece destaque são os recursos pedagógicos utilizados no dia a dia da escola, dispostos na Proposta Pedagógica (2016), tais como:

- a) Interpenetração logosófica das matérias curriculares - consiste em fazer a permeação – do homem, do Universo e suas Leis, e de Deus – em todas as coisas, fatos e processos materiais, fisiológicos e psicoespirituais, históricos, cosmológicos, etc.;
- b) Imagens analógicas – técnica baseada na Lei Universal de Analogia e empregada sistematicamente para favorecer a compreensão dos diversos conteúdos ministrados;
- c) Análise das experiências – ensinar a criança a buscar dentro de si mesma as causas dos comportamentos que adotou, encaminhando seus esforços no sentido de sua correção;
- d) O estímulo às iniciativas – auxilia o educando na tomada de decisões, moderando expectativas, ajudando a aceitar melhorias, a superar indecisões e temores;
- e) Perguntas e reperguntas - oferecer espaço para as perguntas e questões que surgem da necessidade de saber mais, de colocar-se melhor, de ser mais eficiente, de entender para poder sentir;
- f) Observação consciente – a criança deve iniciar a utilização da observação com os olhos voltados para fora - a natureza e o mundo - e para dentro de si, encontrando na observação consciente, que é um poder, elementos fundamentais para uma vida realmente produtiva e feliz;
- g) A redenção de si mesmo - reparar o mal ocasionado realizando um bem maior;
- h) Os ambientes serenos - o respeito e o afeto são forças criadoras de ambientes serenos, que propiciam o desenvolvimento integral do ser;
- i) A repetição inteligente - repetir o que se quer ensinar, porém com inteligência, com criatividade, superando sempre a forma como foi trabalhado o assunto na vez anterior;
- j) As explicações - uma boa explicação habilita o ser a tirar conclusões e desenvolver o gosto pela lógica, atenua temores, defende contra os excessos da imaginação, ilumina a inteligência e sensibiliza;
- k) O exemplo do adulto – o adulto precisa ser exemplo de esforço e perseverança na busca pelo conhecimento, de empenho na própria superação e de genuína dedicação à tarefa de contribuir para a sua superação e a dos demais;

- l) As histórias, relatos e brincadeiras - têm o propósito de vincular a criança com a realidade de uma maneira positiva e construtiva, em que o esforço inteligente e a paciência são o caminho de todos os processos que levam à realização do que queremos ser e fazer;
- m) Ensinar o que se aprende - tudo o que o ser aprende precisa estar acompanhado de uma experiência na qual possa ensinar o que aprendeu;
- n) A convivência como campo experimental – o educando pode observar, olhando para si mesmo, a luta entre um capricho e um sentimento, entre o que se quer e a inércia que é preciso vencer para concretizar um querer, etc.;
- o) A correção - deve ser discreta e respeitosa, evitando que ocorra na presença dos demais – crianças ou adultos;
- p) Os estímulos - busca favorecer sempre as boas ações, levando o adulto a exaltá-las no momento em que acontecem, assim como todo esforço no sentido do bem.

4.1. Breve Histórico sobre o Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários

O Colégio Logosófico González Pecotche iniciou suas atividades em 11 de março de 1963, trazendo uma nova proposta pedagógica para a educação da infância e da adolescência. Atualmente, atende em 02 turnos a Educação Infantil (08 turmas), o Ensino Fundamental (18 turmas) e o Ensino Médio (5 turmas), com cerca de 900 alunos (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016).

A escola foi fundada pelo escritor e humanista argentino Carlos Bernardo González Pecotche que, em 1930, criou a Fundação Logosófica, com o objetivo de difundir a Logosofia e que, mais tarde, criou a “Escola 11 de Agosto”, da qual são provenientes os atuais Colégios Logosóficos - inicialmente no Uruguai e depois no Brasil e Argentina.

De acordo com a Proposta Pedagógica (2016), a escola tem como missão

oferecer à infância e à juventude, por meio da Pedagogia Logosófica, um amparo e um saber que favoreçam o desenvolvimento pleno de suas aptidões físicas, mentais, morais e espirituais, formando as bases de uma nova humanidade, mais consciente de sua responsabilidade diante da própria vida, da sociedade em que vive e diante do mundo (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016, p. 5).

E, ainda, conforme o referido documento, tem a finalidade de “favorecer o pleno desenvolvimento do educando, tendo em vista sua formação interna e consciente, seu preparo

para o exercício da cidadania, sua qualificação para o trabalho e progressão em estudos posteriores” (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016, p. 5).

4.2. Aspectos relacionados à correção e ao erro

O termo correção, no âmbito deste estudo, se refere à correção da conduta dos alunos, ensinando-os a identificar os seus erros e a buscar meios de superá-los de maneira estimulante e fazendo uso de suas faculdades mentais (pensar, refletir, recordar, etc.) e sensíveis (amar, perdoar, sentir, consentir, compadecer, etc.), bem como da própria vontade. A partir dessa prática, aliada à aplicação dos demais conceitos logosóficos vinculados ao conteúdo curricular (recurso pedagógico da interpenetração explicitado no PPP), é possível promover o desenvolvimento integral da criança – no aspecto bio-psico-espiritual.

No que tange à correção, dentre os recursos pedagógicos utilizados no dia a dia do colégio, pode-se destacar a “análise das experiências”, a “redenção de si mesmo”, a “correção respeitosa” e os “estímulos”.

O primeiro tem como propósito promover, no educando, a busca, dentro de si mesmo, das causas dos seus comportamentos, identificando os erros e encaminhando os esforços no sentido de sua correção. O segundo busca criar, no educando, a confiança de que é capaz de não repetir o mesmo erro, através do conceito de que um mal é reparado realizando um bem maior. O terceiro objetiva uma correção discreta e respeitosa, evitando que ocorra na presença dos demais – crianças ou adultos -, já que, a indiscrição, ao invés de surtir um bom efeito, trabalha em sentido contrário.

Por fim, em relação aos estímulos, deve-se evitar aqueles negativos, tais como festejar condutas ruins da criança por parecerem engraçadinhas; fazer comentários negativos sobre as pessoas; ameaçar a criança ou atemorizá-la de diversas maneiras; demonstrar vergonha frente aos erros da criança (grifo meu); permitir que a criança veja filmes inadequados que apresentem imagens assustadoras e conceitos absurdos como se fossem normais; reprender a criança sem dar-lhe ferramentas para que possa mudar; tratar a criança com violência, mesmo que com as palavras, com o olhar (grifo meu). Tais recursos são considerados como agrotóxicos, pois resolvem o problema no momento, mas deixam graves consequências.

Segundo a Proposta Pedagógica (2016), a discrição no momento da correção cria, no educando, a segurança e a confiança em si mesmo. Ademais, a correção deve apresentar características que levem em consideração a sensibilidade do aluno, sendo indicado o uso de alguns recursos: buscar descobrir, junto com o educando, a causa dos erros; corrigir com

serenidade, oferecendo explicações lógicas, pois, assim, o ser aprende a atuar acertadamente, estando perto ou longe dos pais ou professores; não confrontar os pensamentos da criança quando ela estiver muito agitada ou angustiada, mas procurar auxiliá-la a mudá-los, oferecendo-lhe pensamentos e reflexões que serenem o estado interno; corrigir com a energia e a autoridade do conhecimento do adulto em quem se confia, não ser rude ou violento; dar uma palavra de compreensão e afeto depois da correção (como um doce depois do remédio amargo), para que o que foi ensinado penetre mais profundamente, fixando-se na mente; ensinar a corrigir os erros com naturalidade, para que a criança se sinta estimulada a aprender.

Em relação à aprendizagem como um processo contínuo, a Proposta Pedagógica (2016, p. 39) afirma que “deve-se considerar os erros como próprios do esforço de quem aprende, úteis para quem os comete e para quem os observa, para aluno e professor”.

4.3. Aspectos relacionados à avaliação da aprendizagem

De acordo com a Proposta Pedagógica,

avaliação é um processo que engloba um conjunto de ações organizadas com finalidade de obter informações sobre a relação ensino e aprendizagem. Ela deve funcionar como instrumento para que o professor/escola analise criticamente a sua prática educativa e mova ações visando a real aprendizagem do conteúdo por parte do aluno. Pensando assim, ela não deve ocorrer apenas em momento específico (semana de provas, fechamento de etapas), mas, sim, durante todo o processo ensino e aprendizagem (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016, p.48).

No tópico “Avaliação do Desempenho Escolar”, constante na Proposta Pedagógica (2016), é explicitado o desafio que constitui a avaliação do desempenho escolar, devido à necessidade de mudança da mentalidade, dos hábitos arraigados e o *modus vivendi* instalado na cultura escolar em relação à avaliação, o que enseja na proposição de ações graduais. Ainda de acordo com o documento,

a avaliação que tem sido defendida, na atualidade, tende a reconhecer as diferenças individuais definidoras de aptidões diferenciadas, utilizando abordagens também diversificadas, através de instrumentos variados. É inevitável, no entanto, e necessário reconhecer, que a escola ainda se apoia em muitas estratégias avaliativas que priorizam a memória, forçando apenas uma habilidade. O caminho é longo, e quanto mais os alunos sobem na escalada pelo conhecimento, mais desafios vão aparecendo na forma de avaliar (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016, p. 47).

No Colégio Logosófico González Pecotche, apesar de todos os desafios ainda enfrentados na mudança do processo avaliativo, tem-se buscado utilizar ferramentas que visem não apenas a obtenção de notas por meio de provas, mas que também considere

aspectos relacionados ao desenvolvimento integral da criança. De acordo com a Proposta Pedagógica,

na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I, do Colégio Logosófico, um aspecto que ganha destaque é a utilização de fichas de registro individual, das observações dos professores acerca do desenvolvimento do aluno e da turma, seja do ponto de vista cognitivo, de habilidades e competências, seja do crescimento interno, no campo dos conceitos e atitudes morais e éticas inerentes à figura humana e no exercício da cidadania. O uso desta ferramenta contribui para uma visão mais abrangente do aluno, dando uma menor ênfase nas provas, que embora sem deixar de existirem, transformam-se em um instrumento a mais, sem valorização excessiva e determinante.

Neste sentido, busca-se uma avaliação que procura ter em conta os objetivos considerados fundamentais para o desenvolvimento do aluno e que, em função deles, procura interpretar os resultados obtidos e contemplar o erro como orientador de caminhos, como o saber que ainda não se tem, como a possibilidade de aprender.

Nos Ensinos Fundamental II e Médio, a avaliação formal - prova - ainda tem uma força muito grande tanto para alunos quanto para pais e professores. Devolver, nas provas, aquilo que se aprendeu ou decorou é um pensamento constante; a luta para que o aluno, o professor e a sociedade possam se desvincular, gradativamente, da cultura de notas e pontos, embora mantendo o mesmo interesse por aprender, está apenas começando.

[...]

Tendo como referência uma nova concepção de avaliação, deve instituir-se práticas avaliativas visando a avaliação cada vez mais formativa, com atividades diversificadas para que não se avalie apenas o saber acadêmico, mas também o desenvolvimento humano que favoreça o desenvolvimento pleno de suas aptidões físicas, mentais e espirituais, formando as bases de uma nova humanidade, mais consciente de sua responsabilidade frente à própria vida, à sociedade em que vive e ao mundo. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016, p. 48).

Em relação aos critérios de avaliação, destaca-se a utilização, no Ensino Fundamental (2º ao 9º ano) e no Ensino Médio, da avaliação diagnóstica, com o objetivo de avaliar a aprendizagem alcançada e reorientar a ação pedagógica, podendo ou não ser valorizadas com pontos. Para tanto, é utilizada a nota conceito, com o objetivo de avaliar a conduta em relação ao respeito e à disciplina do aluno na etapa letiva. A média das notas-conceitos, atribuídas por cada professor, é computada, igualmente, em todos os componentes curriculares, após aprovação em Conselho de Classe. (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016, p. 50).

No que tange às atividades avaliativas, busca-se que sejam variadas, tais como exercícios, pesquisas, trabalhos de equipe, seminários, tarefas de casa, confecção de materiais, leituras e qualquer outra atividade realizada pelo aluno dentro do projeto de trabalho ou do conteúdo estudado, a critério do professor. Ressalta-se também que no colégio não há prova

final e que, se o resultado de alguma avaliação evidenciar deficiência de aprendizagem na turma, em geral, o processo deve ser refeito e, conseqüentemente, reavaliado (PROPOSTA PEDAGÓGICA, 2016, p. 50).

4.4. Relação entre a experiência “A árvore que quebrou”, publicada na 25ª Edição da Revista Logosofia, com o PPP do Colégio González Pecotche e o princípio “o erro como princípio do acerto”

A experiência intitulada “A árvore que quebrou”, publicada na 25ª Edição da Revista Logosofia, foi vivida no Colégio González Pecotche - Unidade Funcionários, em Belo Horizonte/MG. A vivência, ocorrida com alunos da Educação Infantil (turma de 05 anos), foi relatada pelas docentes do colégio: Ana Gabriela Souza Lemos e Eliana Ulhôa Godoy. A fim de favorecer a relação entre o artigo da revista, o PPP do colégio e o princípio da Pedagogia Logosófica “o erro como princípio do acerto”, a experiência será dividida, sintetizada e analisada em tópicos.

4.4.1. Um galho quebrado

As crianças relataram à professora que estavam sacudindo a árvore para que caíssem frutinhas e, em determinado momento, um galho cedeu. A partir do relato, foram feitas algumas reflexões com os alunos: primeiramente, descartaram a ideia de que a culpa era do último que havia sacudido a árvore, recordando a imagem analógica, já trabalhada com eles, de que não é a última gota que faz o copo derramar, uma vez que todos, algum dia, já haviam balançado aquela árvore ou tentado subir nela; a professora também deixou claro que sabia que eles não tinham o objetivo de derrubar a árvore.

Após a conversa, um dos alunos concluiu que eles tinham feito algo que não deviam e que estavam com um problema. A docente consentiu com o aluno e disse que teriam que encontrar uma forma de resolvê-lo. Muitas ideias foram então lançadas pelas crianças até que perceberam que precisavam de ajuda e propuseram perguntar à professora de Educação Ambiental.

Em conjunto com a professora de Educação Ambiental, decidiram que tentariam replantar a árvore e fazer mudinhas dela. A conversa foi encerrada com alguns combinados e a perspectiva de ainda voltarem ao assunto para conversar sobre como não repetir o erro e como ajudar outras crianças a não cometerem o mesmo erro.

De acordo com Lemos e Godoy (2017, p. 9), “aprender com o erro é fazer bom uso da inteligência, condição fundamental para a evolução”.

Análise: A partir desse fragmento da experiência, pode-se aferir que a docente atuou com base no princípio “o erro como princípio do acerto”, uma vez que proporcionou às crianças o alcance da consciência de seus erros (observação de si mesmas e identificação do erro) e despertou o afã de superação, promovendo um melhor aproveitamento das energias internas, utilizando-as na busca pela solução do problema.

No que tange ao Projeto Político Pedagógico do colégio, percebe-se que a professora utilizou os recursos pedagógicos da imagem analógica para favorecer a compreensão da situação; da análise das experiências, ensinando a criança a buscar dentro de si mesma as causas dos comportamentos que adotou, encaminhando os esforços no sentido da correção; do estímulo às iniciativas, auxiliando o educando na tomada de decisões, evidenciada na proposição da criança de buscar o auxílio da professora de Educação Ambiental; da redenção de si mesmo, reparando o mal ao realizar um bem maior (replanteio da árvore); do ambiente sereno, considerando que a situação foi conduzida de forma respeitosa e afetuosa.

Ademais, constata-se que para a correção não foram tecidos comentários negativos sobre nenhuma criança, pelo contrário, houve compartilhamento da responsabilidade; não houveram ameaças ou tratamentos violentos; a causa dos erros foi descoberta junto à docente, a partir de uma análise conjunta da situação; a naturalidade da correção criou estímulos para a aprendizagem.

4.4.2. Quebrando outro galho

Passados alguns dias, a professora observou que as crianças estavam novamente no pátio da escola, brincando perto da árvore, catando frutinhas no chão, quando, um tempo depois, alguns alunos começaram a sacudi-la e, de novo, quebraram mais um galho da árvore.

Frente à repetição do erro, a professora atuou com firmeza com as crianças, convidando-as para uma conversa, na qual recordaram os estudos já realizados. Foram levantadas também as seguintes perguntas para reflexão: o que teria acontecido ao homem das cavernas se quando cometesse um erro, continuasse insistindo nele? Será que ele teria evoluído? A docente mostrou também que aprender com o erro é fazer bom uso da inteligência, condição fundamental para a evolução, e que a repetição do mesmo erro teve como consequência mais um galho da árvore quebrado. Disse, ainda, que havia percebido que a turma não estava sabendo respeitar a natureza.

Anunciou, então, que não poderiam mais permanecer naquele local enquanto ela não percebesse que eles poderiam ficar perto das plantas sem destruí-las e que, por essa razão, usariam somente os outros pátios da escola. Tal postura fez com que as crianças sentissem a gravidade do que havia acontecido.

No dia seguinte, a professora deu continuidade ao diálogo com os alunos sobre o ocorrido, através de uma roda de conversa, fazendo as seguintes perguntas: “Por que erramos?”; “E o que nos faz repetir o erro?”. As crianças prontamente responderam que a causa era os pensamentos.

Destaca-se que os “pensamentos”, para a Pedagogia Logosófica e de acordo com Lemos e Godoy (2017, p. 10), “são entidades psicológicas autônomas, positivas ou negativas, com vida própria, que levam a pessoa a atuar até mesmo contra sua vontade”.

A professora concordou com a resposta dada pelos alunos e questionou se isso diminuía a responsabilidade de cada um. Explicou, então, que os pensamentos estavam na mente e isso torna os seres responsáveis por tais pensamentos, uma vez que podem escolher quais pensamentos querem na mente.

Em seguida, as crianças buscaram identificar os pensamentos que atuaram durante a situação vivida. O primeiro identificado foi o da desobediência e, em seguida, as crianças relataram situações de desobediência em casa e deixaram os pais tristes, identificando que os pensamentos atuam na mente em diversas circunstâncias, não só na escola e não só naquela situação. A conquista das crianças foi valorizada pela professora.

Salienta-se que, em relação à obediência, González Pecotche afirma que

é imprescindível fazer a criança saber que a obediência está condicionada a princípios de disciplina e de bem; por conseguinte, ela não deverá obediência a nada que contrarie esses princípios. Será educada adquirindo consciência desse dever e será capacitada para cumpri-lo com lucidez mental. Jamais lhe será imposto o acatamento cego e, para tanto, lhe será propiciado o lógico discernimento sobre os motivos da obediência a tal ou qual ordem, indicação ou encargo (PECOTCHE, 2012, p. 67).

Outro pensamento identificado por uma das crianças foi o de ter balançado a árvore demais, o que a professora nomeou como exagero. Com a análise de alguns exemplos, compreenderam que o exagero não permite saber a hora de parar. E, por último, foi identificado o pensamento de imitar o colega, sendo que, nesse momento, os alunos tiveram a oportunidade de observar esse pensamento atuando na própria roda de conversa: um mexia no sapato, outros mexiam; um se deitava, vários também se deitavam.

Procurando proporcionar recursos para uma superação efetiva, que permitam o esforço de evitar as causas que levaram àquela experiência, a professora disse que precisavam

identificar pensamentos bons que pudessem substituir os negativos e que os ajudariam a combater e a fazer a coisa certa. As crianças responderam que o pensamento da obediência é capaz de vencer o da desobediência; que o do respeito combate o do exagero, pois quem exagera não respeita a natureza e o colega. Em relação ao pensamento positivo que vence o da imitação de coisas erradas, as crianças tiveram dificuldade em identificá-lo, ficando essa tarefa como uma missão. Entretanto, as crianças continuaram conversando sobre o assunto, quando uma delas manifestou que para não imitar coisas erradas é necessário pensar antes de agir. A conquista das crianças foi recebida com muita vibração pela professora.

Às suas medidas, as crianças estavam aprendendo a manejar a inteligência composta por faculdades como a de pensar, de refletir, de recordar e tantas outras. Alcançavam, assim, as primeiras conquistas no desenvolvimento da capacidade de conhecer e dominar o mundo mental que faz parte do mundo interno, onde poderão construir as bases da verdadeira liberdade, a de pensar, e da felicidade. De acordo com Lemos e Godoy (2017, p. 12), “nas experiências simples, há ricas oportunidades para a prática do bem e o cultivo da busca por ser melhor”.

Análise: Nesse segundo fragmento da experiência, é nítido que a docente buscou corrigir não apenas para aquele momento, mas para aplicação na vida das crianças, quando oportunizou a relação entre a situação vivida na escola, as causas do erro e as vivências cotidianas dos alunos. Ademais, o fato de as crianças identificarem os pensamentos e atitudes capazes de superar os erros, que apresentam aplicabilidade em diversas situações da vida, proporciona uma formação mais consciente do ser humano em sua constituição integral e, principalmente, faz com que o erro se torne efetivamente o princípio de futuros acertos.

Em relação ao PPP do colégio, observa-se que a professora fez uso dos seguintes recursos pedagógicos: interpenetração Logosófica das matérias curriculares, ao remeter a vivência dos alunos aos fatos históricos (homens das cavernas) e ao abordar conceitos logosóficos em prol da correção dos erros; análise das experiências, quando ensina a criança a buscar dentro de si mesma as causas dos comportamentos que adotou (identificação dos pensamentos negativos na mente) e encaminha os esforços no sentido da correção (identificação dos pensamentos positivos que são capazes de combater os erros); perguntas e reperguntas, uma vez que a roda de conversa propiciou levantar questões reflexivas, que despertam a inteligência e a sensibilidade dos alunos, fazendo com que as crianças compreendam a importância e a necessidade de se mudar a conduta; ambientes serenos, com diálogos respeitosos e afetuosos, visando o bem e a superação; repetição inteligente,

evidenciada pela adoção de uma abordagem diferente pela docente, quando houve a repetição do erro, com a finalidade de efetivar a compreensão dos alunos e a correção; as explicações, tendo em vista que a professora buscou sempre relacionar as causas do ocorrido com as situações vividas pelas crianças e oportunizou conclusões coerentes acerca do ocorrido, desenvolvendo o gosto pela lógica, iluminando a inteligência e a sensibilidade; a correção discreta e respeitosa; os estímulos, evidenciados pela exaltação das boas ações das crianças, de suas conquistas e de todo o esforço no sentido do bem.

Outro aspecto que pode ser observado na vivência, em relação à aplicação da Pedagogia Logosófica, é a correção com energia e autoridade do conhecimento do adulto em quem se confia, ao impedir que os alunos tivessem acesso ao pátio da escola onde se encontra a árvore, até que aprendam a conviver e a respeitar a natureza, fazendo-os experimentar a responsabilidade de seus atos, sem violências mentais, dirigindo seus olhares para dentro do mundo interno, desenvolvendo a noção de causa e efeito e o anelo de ser melhor (2ª etapa do Método Logosófico).

Compreende-se, portanto, que esta etapa da experiência abrange as duas primeiras etapas do Método Logosófico, quais sejam, a apresentação do conceito (pensamentos, erro, acerto, etc.), e a observação consciente de si mesmo.

4.4.3.O livro do bem

Os dias se passaram e a professora reforçava a importância de não repetir o erro. Disse que teriam que ser capazes de acertar e de ensinar os demais como evitar o erro e gerar o acerto. Os alunos tiveram então a ideia de transformar essa experiência em um livro. Observando o entusiasmo dos alunos, a professora apresentou a eles o livro “É tão Chocolate”, escrito por Dylan Siegel, uma criança americana de 6 anos, com o objetivo de arrecadar um milhão de dólares para a pesquisa da cura da doença de seu melhor amigo Johan.

O exemplo de um livro feito com um propósito de bem, por uma criança da idade deles, foi um grande estímulo. Foi então que a professora perguntou se elas queriam começar a fazer um livro com um pensamento de bem tão grande quanto aquele. Essa sugestão foi recebida com bastante entusiasmo pelas crianças.

Começaram a escrever a história com a auxílio da professora (escriba) e, apesar da vibração, não escreveram o final naquele dia, pois precisavam viver mais experiências de esforço, de luta com os próprios pensamentos.

Durante o mês, as crianças foram novamente liberadas para frequentar o pátio onde ficava a árvore e não houve mais nenhum incidente. Na sala, algumas vezes, analisavam como havia sido a experiência, até que perceberam que poderiam escrever o final do livro e fazer as ilustrações.

No retorno às aulas, após as férias escolares de julho, os alunos puderam ver o resultado do trabalho no computador. Nesse momento, a professora indagou se, daquele jeito, era possível mostra-lo para todas as crianças da escola. Disseram que não, que era necessário imprimir para que todas as turmas tivessem um livro na sala. Então, foi lançada a ideia: o livro poderia ser um presente de aniversário para a Escola em 11 de agosto.

Análise: Na 3ª etapa da experiência, pode-se observar o uso, pela docente, dos seguintes recursos pedagógicos dispostos no PPP: o estímulo às iniciativas, presente na sugestão da professora para que os alunos difundissem a experiência vivida por eles, com fins de propagar o bem, o que auxilia o educando na tomada de decisões e ajuda a aceitar melhorias, a superar indecisões e temores; a redenção de si mesmo, uma vez que as crianças tiveram a oportunidade de aprender com os próprios erros e difundir esse bem com a escrita do livro; as histórias, os relatos e as brincadeiras, recurso evidenciado no processo de escrita do livro, o que proporcionou às crianças o cultivo do esforço consciente (vinculando os conceitos à experimentação) e a paciência para viverem a experiência dos pensamentos, comprovar, em suas próprias vidas, a eficácia das compreensões obtidas na roda de conversa, para, finalmente, culminar com a finalização do livro; ensinar o que se aprende, tendo em vista que foi oportunizado aos alunos viverem experiências com a aplicação dos conceitos aprendidos e compartilhar as aprendizagens; a convivência como campo experimental, em que os alunos puderam voltar a brincar no pátio onde a árvore se encontra, mas com os elementos necessários para uma conduta acertada e consciente, tornando aquele momento um campo experimental.

A vivência proporcionou ainda a aplicação das etapas 3 e 4 do método logosófico: a experimentação, em que os alunos tiveram a oportunidade de praticar os conceitos aprendidos, com vistas à superação do erro e à condução do acerto; e o registro/documentação, através da escrita do livro que relata as aprendizagens alcançadas a partir da vivência (erro). Ressalta-se que a 2ª etapa do método – observação consciente de si mesmo - permeia toda a experiência, uma vez que, para o aperfeiçoamento integral do ser, é imprescindível que o mesmo realize a observação consciente de tudo que está em seu interno (pensamentos, sentimentos, etc), correlacionando-o com o mundo externo.

4.4.4. Surge outro problema

A produção do livro demandaria uma boa quantia de dinheiro e, para solucionar esse problema, os alunos decidiram, com o auxílio da professora, fazer um bilhete para os pais, pedindo a eles que colaborassem com ideias. Com o auxílio oferecido, conseguiram o apoio de uma gráfica, o patrocínio de uma loja de roupas, além do pagamento que as famílias fariam pela quantidade de livros que quisessem adquirir.

O lançamento do livro fez parte da comemoração do aniversário da escola e contou também com a exibição de um vídeo gravado pelas crianças em que relataram o vivido. O livro ficou pronto e as crianças ganharam 50 exemplares a mais do que encomendaram, como estímulo para divulgá-lo.

Em uma roda de conversa, analisaram e avaliaram o que haviam aprendido e realizado naquele grande projeto e também o que ainda havia por fazer. As crianças manifestaram sobre alguns passos que ainda eram importantes: fazer cartas de agradecimento para as pessoas que ajudaram, enviar o livro para o Dylan – o pequeno autor americano que inspirou o projeto do livro – e entender o que é a doença do seu amigo Johan.

Decidiram, ainda, que doariam o dinheiro que sobrou para os cientistas que estão pesquisando a cura da doença do Johan. Após alguns dias, a turma enviou um kit pelo correio para o Dylan, contendo um vídeo das crianças, o livro e uma carta explicando o projeto. Também fizeram a doação do dinheiro arrecadado para o Fundo Johan Pournazarian. Cumprida mais essa etapa, o projeto das crianças culminou com alegria e com a sensação de muita aprendizagem.

Algumas semanas depois, as crianças receberam três correspondências da Universidade da Flórida: duas cartas de agradecimento pela doação, um certificado de doação e ainda um e-mail do pai do Dylan com os dizeres: *“Thank you so much – we received and it is the most beautiful book and gesture we’ve ever seen”* (Muito obrigado, nós recebemos e estes são o livro e o gesto mais bonitos que nós já vimos).

Dias depois, foi realizada uma festa nos Estados Unidos, pois o projeto do Dylan havia alcançado a marca de 1 milhão de dólares em doações, chega então uma nova notícia do pai de Dylan: *“Did you see the beautiful mention of the kids in Brazil school and the portuguese book? Amazing – Hope you are having a wonderful summer!* (Vocês viram a bela referência às crianças da escola brasileira e do livro em português? Incrível – Espero que vocês estejam desfrutando um verão maravilhoso!). Por fim, um trecho do filme dos alunos foi parte de uma reportagem na ABCNews.

De um galho quebrado brotaram muitas conversas, aprendizagens, vídeos, desenhos, textos, um livro e até cinco segundos na ABCNews. Foram realizadas também experiências de prática do bem e da busca por ser melhor.

Análise: Em análise a esta última etapa da experiência, pode-se aferir que a mesma atendeu à 5ª etapa do Método Logosófico “Divulgação/difusão”, uma vez que os alunos foram estimulados a divulgar o livro com o propósito de difundir o que se aprendeu, o bem recebido. A partir do relato das docentes do colégio, observa-se que a correção cumpriu com o propósito da Pedagogia Logosófica e o seu princípio denominado “o erro como princípio do acerto”, pois trouxe aprendizados significativos, capazes de transformar a vida das crianças e de promover o aperfeiçoamento, com base na experimentação, no olhar consciente para si mesmas e na observação dos movimentos mentais e sensíveis que acontecem em seus internos.

5. Considerações finais

Diante de todo o exposto, é perceptível a relevância de se buscar por práticas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento integral do aluno e por metodologias de ensino embasadas no afeto, que possibilitem a percepção do erro do outro de forma humanizada. Isto porque tais práticas podem auxiliar a aprendizagem, não apenas dos conteúdos disciplinares, mas também de valores, sentimentos e pensamentos, ampliando, nos discentes e nos docentes, a consciência sobre si mesmos e sobre o ambiente em que vivem. Afinal, como afirmam Mello e Rúbio (2013, p. 6), “educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar que o professor julga ser o certo. Educar é ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, dos outros, da sociedade em que vive e o seu papel dentro dela”.

Tendo como base o Projeto Político Pedagógico do Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários e a experiência relatada pelas professoras na Revista Logosofia, na 25ª. edição, pode-se aferir que a prática docente no colégio converge para os princípios e objetivos da Pedagogia Logosófica, através da aplicação do método logosófico explicitado no Plano Logosófico de Educação, bem como é coerente com as ideias dos demais autores apresentadas neste trabalho, no que tange à importância do erro e da correção no processo de ensino-aprendizagem.

Tal afirmativa fica, pois, demonstrada nos recursos pedagógicos utilizados pela docente para correção do erro das crianças, através do desenvolvimento da inteligência, ao estimular as faculdades mentais e sensíveis dos educandos, conduzindo-os ao conhecimento de si mesmos - seus erros, suas virtudes, suas realidades internas - e a atuações mais conscientes. Destaca-se que toda a ação pedagógica é permeada por um ambiente de afeto, de respeito e de estímulo à superação, ao aperfeiçoamento integral e à prática do bem, pautada em valores e em conceitos logosóficos.

Ademais, observa-se que a docente não buscou corrigir o erro apenas para o momento, o que poderia ser ocasionado pela proibição pura e simples do acesso ao pátio onde a árvore se encontrava, pela disseminação do temor e/ou violências mentais e verbais, sem proporcionar às crianças a aprendizagem sobre a necessidade e a importância de mudar a conduta, de reparar o erro, de respeitar a natureza e de estarem atentas aos pensamentos que muitas vezes dominam a própria vontade. A correção teve como propósito a transformação e o aprimoramento da vida dos discentes, com valores e aprendizados que se correlacionam com os mais diversos campos das suas existências, atendendo ao princípio logosófico: “o erro como princípio do acerto”.

Em relação à avaliação da aprendizagem, a impossibilidade de realização do estágio supervisionado no Colégio Logosófico González Pecotche – Unidade Funcionários, obstou a observação e análise de experiências relativas ao tema específico. Entretanto, a partir do Projeto Político Pedagógico da instituição, pode-se afirmar que o colégio reconhece a dificuldade de transformar o método avaliativo e busca aprimorar suas práticas através de atividades diversificadas, que não visem apenas a obtenção de notas por meio de provas, atendendo ao disposto por Luckesi (2013) ao afirmar que a avaliação deve ser instrumento dialético do avanço e de identificação de novos rumos.

A partir dessa perspectiva, o conhecimento sobre a Pedagogia Logosófica com seus conceitos e princípios, mais especificamente o do “erro como princípio do acerto”, e a sua aplicação nos Colégios Logosóficos se mostram relevantes para a ampliação de sua prática nas demais instituições escolares, com fins de alcançar uma educação realmente emancipadora, democrática e transformadora, pautada no afeto, no respeito, no conhecimento de si mesmo e no pensamento crítico e reflexivo.

Link para o vídeo de apresentação disponível em <https://youtu.be/dm2qNTsQDx4>.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. O imperativo do afeto na educação infantil: a ordem do discurso de pedagogias em formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n.1, p. 231-246, jan/mar. 2014.

COLÉGIO LOGOSÓFICO GONZÁLEZ PECOTCHE. Proposta Pedagógica. Belo Horizonte, 2016.

FONTENELLE, André. **Como fazer um TCC passo a passo: Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Documental ou Estudo de Caso?**. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=93z3Z6L_jo4&list=PLqjhbhrS3n1vIwYvwJFBEQwdHHojZgD6Y. Acesso em 03/12/2020.

JAMBERCI, Ivonete Pirolo. **O erro como ponto de partida**. Artigo Científico (Programa de Desenvolvimento Educacional). Núcleo Regional de Educação de Jacarezinho, Cornélio Procopio, PR, 2009.

LEMOS, Ana Gabriela Souza; GODOY, Eliana Ulhôa. A árvore que quebrou. **Revista Logosofia**, São Paulo, n. 25, p. 8-14, 2017.

LOGOSOFIA. Sistema Logosófico de Educação. Disponível em:

<https://logosophy.info/pt/sistema-logosofico-de-educacao/>. Acesso em 05 mar. 2021.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. São Paulo: Cortez, 2013.

MELLO, Tágides; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v.4, n.1, 2013.

PÁDUA, Ivone. **Pedagogia do Afeto: a Pedagogia Logosófica na sala de aula**. RJ: Wak. Ed. 2010.

PECOTCHE, Carlos Bernardo Gonzalez. **Bases para sua Conduta**. São Paulo: Logosófica, 2015.

PECOTCHE, Carlos Bernardo Gonzalez. **Coletânea da Revista Logosofia**, tomo 1. São Paulo: Logosófica, 2002.

PECOTCHE, Carlos Bernardo Gonzalez. **Deficiências e Propensões do Ser Humano**. São Paulo: Logosófica, 2012.

PECOTCHE, Carlos Bernardo Gonzalez. **O Mecanismo da Vida Consciente**. São Paulo: Logosófica, 2013.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. **As “desaprendizagens do professor”**. Disponível em: <https://www.construirmoticias.com.br/as-desaprendizagens-do-professor/>. Acesso em 24/08/2020.